

“RAÍZES DO NORDESTE”: A VAQUEJADA E A MEMÓRIA DO SERTANEJO ATRAVÉS DAS LETRAS DO FORRÓ ELETRÔNICO (FORTALEZA, 1990-1995)*Zenaide Andrade Lôbo ****RESUMO**

O presente artigo irá refletir sobre como a cultura sertaneja era retratada através da análise das letras do forró eletrônico e o confronto com as notícias que o jornal *Diário do Nordeste*, trazia sobre estes migrantes. Fazendo uma reflexão sobre os modos de viver e se relacionar desses migrantes, da relação entre campo e cidade (de junção ou de anulação) e das próprias modificações ocorridas no decorrer dos anos com o ritmo que passou de “pé-de-serra” a “eletrônico” com a inclusão de instrumentos eletrônicos às tradicionais bandas de forró, analisamos aspectos incomuns da relação entre música e cotidiano. Escolhemos então o vaqueiro como figura típica para representar essa intrínseca relação entre música e cotidianos e também entre rural e urbano, sendo ele tão representado nas letras do forró eletrônico.

Palavras – chave: *Práticas; Memória; Forró Eletrônico.*

ABSTRACT

This article will reflect on how the country culture was portrayed by analyzing the letters of electronic forró and the confrontation with the news that the newspaper *Diário do Nordeste*, brought about these migrants. Making a reflection on the ways of living and relating these migrants, the relationship between country and city (junction or cancellation) and own modifications occurred during the years he spent with the rhythm of “pé-de-serra” to “eletrônico” with the inclusion of electronic to traditional forró bands instruments, analyze unusual aspects of the relationship between music and everyday life. Then chose the cowboy as typical figure to represent this intrinsic relationship between music and everyday and also between rural and urban, as it is shown in letters of electronic forró.

Keywords: *Practices; Memory; Electronic Lining.*

* Professora da Rede de Ensino Particular no estado do Ceará. Graduada em História pela Universidade Estadual do Ceará. Membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas em História e Culturas – DÍCTIS e do Grupo de Pesquisa História, Cultura e Natureza. Email: z.lobo@hotmail.com.

1. *Introdução*

A proposta desse artigo surgiu ao percebermos que o forró era quase sempre visto como agregador de temáticas relacionadas ao álcool, ao sexo e aos relacionamentos amorosos, como nos alerta Felipe Trotta¹. O que muitas vezes não é levado em conta é que o forró surgiu como uma forma de expressão do rural do sertão nordestino, da fuga contra a seca e a fome e a luta contra as adversidades naturais. Mesmo com a mudança estilística ocorrida no ritmo em 1990, a princípio o objetivo do forró continuava o mesmo, atender ao povo do campo, pobres nordestinos em eterna migração.

Representados, através das letras do forró eletrônico, os migrantes cearenses eram os sertanejos, os homens pobres vindos do campo, os vaqueiros em busca de vidas melhores, de situações mais brandas. Sabe-se que até meados da década de 1980, os sertanejos quando precisavam sair de suas terras eram levados a migrarem para o Sul, atual Sudeste, principalmente para a capital paulista e carioca, região mais industrializada do país. Porém, o ano de 1987 com a eleição de Tasso Jereissati e o chamado “Governo das Mudanças”² trouxeram mudanças significativas para a dinâmica migratória cearense.

O Ceará, com um novo plano de governo, passa a gerar mais empregos³ e com isso os sertanejos que migravam para Sul, vêm a capital. Fugindo da seca, o que já era considerado regra no Estado⁴ e da fome, por vezes deixando um grande amor no sertão, outras vezes construindo novos laços⁵ e amores através do próprio forró, esses

¹ TROTTA, Felipe. O forró eletrônico no Nordeste: um estudo de caso. In: **Intertexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 20, p. 102-116, 2009.

² Trataremos disso mais detalhadamente no tópico seguinte.

³ O momento político e econômico pelo qual o Ceará passava não era prioridade do Estado, mas do Nordeste como um todo. Em abril de 1992 foram criados mais de 400 mil empregos para o NE através dos Centros Integrado de Assistência à Criança (CIAC). Cf. **O Diário do Nordeste**, Fortaleza, 22 abr. 1992, p.08.

⁴ S/I. “O Nordeste Revigorado”. In: **Diário do Nordeste**. Fortaleza, 05 jan. 1990, p. 02.

⁵ As letras do forró eletrônico tratam de assuntos corriqueiros e são simples. Cf. ALMEIDA FILHO, Luciano. *A Fórmula de Sucesso do Forró Estilizado*. In: **Diário do Nordeste**. Fortaleza, 26 jun. 1993, p. 11.

homens e mulheres⁶ criaram um meio social particular, com hábitos, costumes e expressões muito próprias de si. De acordo com Chartier⁷, não devemos nos deter em estudar somente o grupo, mas todos os “objetos, formas e códigos” pertencentes a este grupo, ao que o diferenciava dos demais. Devemos entender que o meio social ao qual o grupo estava inserido não pode ser interpretado sob um único recorte, pois assim estaríamos “mutilando a História Sócio-Cultural”⁸.

Alguns aspectos são interessantes, um deles é que o forró, geralmente marginalizado midiaticamente por se originar na região Nordeste, foi capaz de chegar até o Sul e retomar os tempos áureos da época de Luiz Gonzaga⁹.

Diante do crescimento do mercado do forró eletrônico, chamamos aqui de eletrônico aquele forró no qual são usados instrumentos para além da tradicional tríade (sanfona, triângulo e zabumba) tais como bateria, guitarras elétricas, baixos elétricos e que Emanuel Gurgel consolidou através da empresa Soomzoom Sat¹⁰ e montando um aparato midiático que se comparava aos do eixo Rio – São Paulo. A pesquisadora Érica Lima considera essa inovação como um contra-fluxo cultural, pois agora existem alternativas inversas. É o Nordeste, através do Ceará, mandando programação e produtos culturais regionais, como o forró, para o restante do país, principalmente, para a comunidade nordestina localizada no Sudeste do Brasil¹¹.

⁶ As letras trazem, na maioria das vezes, o retrato masculino, as figuras representadas geralmente são as do vaqueiro, do peão, daquele homem que quer voltar para o sertão e para seu amor lá deixado; a figura feminina aparece mais nas letras que falam de amor, principalmente quando o homem amado sai do sertão para a capital. Em um tópico mais específico discutiremos como eram tratadas as relações homem x mulher nas letras do forró eletrônico e como essa figura masculina ficou tão representativa.

⁷ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difusão Editorial LDA., 1987.

⁸ Idem, *Ibidem*.

⁹ ALMEIDA FILHO, Luciano. “Tem Forró no Pé da Canela”. In: *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 18 jun. 1994, p. 05.

¹⁰ Sobre a empresa SoomZoom Sat de propriedade de Emanuel Gurgel trataremos mais detalhadamente no próximo tópico.

¹¹ Cf. LIMA, Maria Érica de. *Soomzoom Sat: do local ao global*. 2005. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2005.

Percebemos assim que o forró chegava a comunidade nordestina no Sudeste e que o Ceará deixa de somente absorver cultura alheia e passa a “exportar” sua própria cultura. A segunda coisa a ser considerada é que através de suas letras podemos compreender um pouco de como esses migrantes eram vistos (ou como se viam).

As letras do forró eletrônico saem do tripé bebida/sexo/relacionamentos para nos mostrar a história do vaqueiro simples do campo que vai a capital em busca de emprego. Do sertanejo que larga a terra que tanto ama por causa da sobrevivência. O peão que sonha que a chuva volte a molhar o seu sertão para que ele regresse. Os caminhos tortuosos, as difíceis decisões, os amores deixados para trás.

Através de tais letras mostraremos o cotidiano que os migrantes desenvolveram em Fortaleza, alguns de seus hábitos e costumes, a tentativa de adaptação à urbe, a saudades do sertão, às relações amorosas que desenvolviam entre si, o meio social e cultural em que estavam envolvidos, assim como suas representações nas respectivas letras.

Interessante perceber também, como a presença do campo, mesmo sendo visto como um atraso em relação a cidade, é mantida viva, sendo inclusive, exaltada. O que diferencia campo e cidade? Quais os critérios usados para separar o rural do urbano?

Segundo Ferreira e Rosa¹² o trabalho e a forma como o organizamos é a principal forma de diferenciação dos modos de vida rural e urbano. O campo no Brasil tem um significado histórico, durante a época da colônia a economia girava em torno do campo, onde eram desenvolvidas as principais atividades de subsistência. Com o passar dos anos e o progresso das cidades o processo de industrialização foi

¹² FERREIRA, Darlene; ROSA, Lucelina. As categorias rural, urbano, campo, cidade: a perspectiva de um continuum. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Artur Magon. (orgs.). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 187-204.

modificando os modos de vida, tornando a cidade como polo mais atrativo e viável economicamente e o campo como sinônimo de atraso e subdesenvolvimento.

A cultura anteriormente homogênea que apresentavam o meio rural e meio citadino vão paulatinamente se diferenciando, o meio urbano afirmando cada vez mais a sua supremacia e exaltando sua cultura para o meio rural; porém, o meio rural conserva traços que lhe são peculiares¹³.

Esses traços tão peculiares são o que diferencia o campo da cidade nas letras do forró eletrônico. Enquanto temos a cidade representada como corrida, com rápidos contatos; o campo nos traz a calma, a tranquilidade, as relações puras e duradouras. Assim como temos elementos que são a própria representação do rural: como o vaqueiro.

Entender o que é o rural se faz necessário nessa pesquisa, pois é necessário compreender até que ponto esse entendimento foi absorvido pelos compositores e representado nas letras do forró eletrônico. Uma dessas características, segundo Endlich¹⁴ é que a vida no campo só é possível mediante muito trabalho.

Além disso, os valores e costumes do campo são facilmente identificáveis:

Era uma sociedade extremamente autoritária e permeada por costumes e expressões de disciplina coletiva. O casamento era indispensável, arranjado, inclusive com uma faixa de idade mais ou menos estabelecida como normal. Os pais eram extremamente rígidos e intolerantes. [...] algumas práticas que possam ser mantidas são consideradas resquícios.¹⁵

¹³ QUEIROZ, Maria I. P. de. *Cultura, Sociedade rural, Sociedade urbana no Brasil: ensaios*. São Paulo: Livros Técnicos Científicos S.A., 1978.

¹⁴ ENDLICH, Ângela Maria. *Perspectivas sobre o urbano e o rural*. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon. (Orgs.). *Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 11– 31.

¹⁵ *Idem*, *Ibidem*. p. 24.

Essas permanências se tornam claras por diversas vezes nas letras que analisaremos, o conceito de família patriarcal e forte, os costumes tão antigos, mas tão permanentes. O que tornava a cidade e campo tão diferente foi exatamente aquilo que lhes fez próximos, essa separação, se é que existe, só reafirmou que o cotidiano como nos diz Certeau¹⁶ é uma construção.

Através de tais letras mostraremos a vida cotidiana que os migrantes desenvolveram em Fortaleza, alguns de seus hábitos e costumes¹⁷, a tentativa de adaptação à urbe, a saudades de sua terra natal, às relações amorosas que desenvolviam entre si, a vontade de voltar para o sertão, o meio social e cultural em que estavam envolvidos, assim como suas representações nas respectivas letras.

Neste artigo analisaremos as letras das bandas Mastruz Com Leite, Mel Com Terra, Cavalão de Pau e Rabo de Saia, por serem as primeiras bandas da Som Zoom Sat, originalmente cearenses e pertencentes ao empresário Emanuel Gurgel. O período avaliado será, inicialmente, 1990, quando o forró começa a passar por essa “eletrização” e terminará em 1995 quando as temáticas das bandas já se modificaram ficando a representação do sertanejo relegada a um segundo plano até ser praticamente esquecida.

Essas memórias às quais as letras fazem referência são em sua maioria referentes a transição entre campo e cidade, a saudade do sertão, as relações que eles estabeleciam entre si. Analisá-las é uma tentativa de reconstituir-lhes o modo e a expectativa de vida. Dessa forma, as reminiscências que foram transmitidas através das letras do forró eletrônico nos mostram como essa lembrança do rural permaneceu forte.

Devemos, entretanto, fazer uma advertência. O seguinte artigo tem por intuito analisar o cotidiano e os costumes, assim como a representação do campo e da

¹⁶ CERTÉAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. 1. Artes de fazer. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

¹⁷ Idem, *Ibidem*.

cidade dentro das letras do forró eletrônico, não nos propomos a analisar neste momento do trabalho a estrutura sonora ou a modificação musical que o ritmo carrega em si.

O surgimento do forró é matéria de especulação de vários autores, dentre eles Felipe Trotta, Expedito Leandro Silva, Adriana Fernandes, Ismar Capistrano Costa Filho. A origem do termo que dá nome ao ritmo é, em si, dúbia, segundo o folclorista Câmara Cascudo, o forrobodó era o baile popular no qual as pessoas mais excluídas da sociedade tinham acesso à festa; predominantemente executado no Nordeste, data do início século XX.

Porém, Expedito Leandro Silva no seu livro Forró no Asfalto afirma que o termo forró vem da expressão inglesa for all que significaria “para todos”, uma expressão que qualificaria o forró como uma festa aberta e popular.

O forró ficou conhecido no Brasil nos anos 1940 com Luiz Gonzaga, que migrou do sertão pernambucano para o Rio de Janeiro na tentativa de fazer sucesso com sua música. Filho de um sanfoneiro consagrado em Exu (cidade da divisa entre Ceará e Pernambuco), a música de Luiz Gonzaga era carregada por suas experiências pessoais e familiares. Através da sua música ele demonstrava o seu sentimento e olhar sobre o Nordeste. São retratados sempre nordestinos corajosos, fortes, capazes de se adaptar a novas realidades, uma forma de demonstrar o caminho percorrido por este retirante nas grandes cidades.

Outro músico que ganharia destaque na mídia cantando o famoso baião seria Jackson do Pandeiro, que traria o samba carioca misturado ao coco nordestino. O forró, esse ritmo cheio de influências, que nasceu da mistura migrante dos ritmos baião e do “arrasta-pé” com tantos outros, prova que a migração rompeu as barreiras, não só econômicas, mas também culturais.

O forró feito por Luiz Gonzaga e por Jackson do Pandeiro ficou conhecido como forró pé-de-serra quando a partir da década de 1990 o ex-dono de fábricas de confecção Emanuel Gurgel resolveu acrescentar à “trindade” do forró (sanfona, triângulo e zabumba) instrumentos eletrônicos, numa clara alusão ao rock americano ascendente entre a população jovem da época. Essa “estilização” do forró ocorreu com a mistura de guitarras elétricas, baixos, contrabaixos, baterias e o conjunto de metais (que incluía trompete, saxofone, entre outros). Devido ao uso desses instrumentos eletrônicos, o forró que era feito com eles passou a ser chamado de forró eletrônico¹⁸ e o forró feito anteriormente, forró pé-de-serra.

Dentro dessa mudança estilística radical de ritmo, as temáticas presentes nas letras não acompanham tal processo, dentro das letras ainda permanecem fortemente a imagem do sertanejo, homem do campo pobre e trabalhador, das mulheres que lutam para manter uma casa quando o marido sai em busca de emprego na capital, o amor às festas juninas, às vaquejadas, toda a gama de costumes eu envolviam o cotidiano desses migrantes.

Porém, no ano de 1987 com a eleição de Tasso Jereissati e o chamado “Governo das Mudanças”, proposta governamental que foi elaborada para desenvolver economicamente o Ceará¹⁹ uma alternativa a economia do campo como principal atividade. O Governo assim facilitava a implantação e a vinda de grandes Indústrias para o Ceará, o que gerava emprego para essa massa trabalhadora agrícola.

¹⁸ Chamamos de forró eletrônico a versão estilizada e moderna do forró, surgido na década de 1990, criado pelo empresário Emmanuel Gurgel. A ideia de Gurgel era de acrescentar instrumentos musicais eletrônicos (bateria, guitarra elétrica, baixo, teclado, etc.) ao já tradicional forró. Esse movimento não só modernizou como profissionalizou aqueles envolvidos com o ritmo, fez crescer o mercado de eventos de todo o Nordeste e fez o forró deixar de ser apenas regional para ser conhecido em todo o Brasil. Emmanuel Gurgel se auto-intitula o criador do gênero, sendo ele dono das principais bandas da época e da rede de comunicações Som Zoom Sat, que produz e divulga o forró eletrônico em Fortaleza.

¹⁹ QUEIROZ, Maria I. P. de. op. cit.

O Ceará com esse novo plano de governo passou a gerar mais empregos e com isso os sertanejos que migravam para Sul, passaram a vir para a capital²⁰. Fugindo da seca, da fome, e do desemprego, por vezes deixando um grande amor no sertão, outras construindo novos amores através do próprio forró, ou simplesmente na busca por melhores oportunidades financeiras, esses homens e mulheres²¹ criaram um meio social próprio, com hábitos, costumes e expressões muito particulares.

Desde a eleição de Tasso Jereissati para governador do estado e sua proposta política de governo das mudanças que o movimento migratório no Ceará ganhou outro destaque. O forte investimento que houve no setor industrial acarretou uma geração de emprego e renda que possibilitava o cearense de continuar em seu estado ou de voltar para o mesmo.

Tasso era a figura do jovem empresário que entrava na política por amor e que tinha a proposta de alavancar o Ceará ao nível de mudança nacional no campo do desenvolvimento. A proposta era romper com o coronelismo e seu consequente clientelismo e “modernizar” o estado²².

Mesmo que a média salarial fosse abaixo do que era pago no restante do país, as condições de vida e de trabalho do migrante nordestino em São Paulo (principal destino desses migrantes que buscavam emprego) eram desumanas. A escolha pela migração dependia prioritariamente, das condições do local escolhido; com a criação de favelas, o alto índice de violência, a escassez de trabalho, ficava mais fácil a decisão por retornar, ou de migrar, para o Ceará (estado onde o desenvolvimento e o

²⁰ *Idem, Ibidem.*

²¹ As letras trazem, na maioria das vezes, o retrato masculino, as figuras representadas geralmente são as do vaqueiro, daquele homem que quer voltar para o sertão e para seu amor lá deixado; a figura feminina aparece mais nas letras que falam de amor, principalmente quando o homem amado sai do sertão para a capital. Em um tópico mais específico discutiremos como eram tratadas as relações homem x mulher nas letras do forró eletrônico e como essa figura masculina ficou tão representativa.

²² BARBALHO, Alexandre. Políticas culturais no Brasil: identidade e diversidade sem diferença. In: RUBIM, Antônio Albino Canelas. (Org.) **Políticas Culturais no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 37-60.

PIB estavam acima da média nacional) ou até de permanecer no mesmo²³. O momento político, entretanto, não era o único meio de avaliação desse grupo social, de acordo com Chartier²⁴, não devemos nos deter em estudar somente o grupo, mas todos os “objetos, formas e códigos” pertencentes a este grupo, ao que o diferenciava dos demais.

2. As Raízes do Nordeste: o vaqueiro e a vaquejada

A vaquejada é um dos principais símbolos da Nordeste, surgiu entre os séculos XVII e XVIII em uma época que as fazendas não eram delimitadas e que o gado era criado solto, assim, na época da ferração eram contratados homens ágeis capazes de seleciona-los para fins comerciais. O vaqueiro poderia ter ainda a função de transportar o gado de uma região a outra ou levar o gado para se alimentar.

Nesta época ser vaqueiro era profissão já que era dessa atividade que esses homens tiravam o sustento das famílias, a profissão era predominantemente masculina e envolvia toda uma especialização física e de vestuário. A roupa do vaqueiro era cuidadosamente escolhida a fim de lhes proteger da vegetação nativa do sertão que continha alguma plantas com espinhos e de proteger do forte sol:

[...] perneiras, gibões e chapéus de couro de mateiro; guarda-peitos de couro de gato-pintado (jagatirica); cavalos “pescoço-de-violão, os mais afamados; aguilhadas bem encostadas, com palmo de ferro, de forma piramidal, embainhado; selas sem cabeçotes, macias e leves; resistentes estribos de pau, largos peitorais e cabeçadas protetora dos animais; compridos laços trançados a cinco fios, de couro de burro, e que são enrolados, duas voltas maiores caindo sobre a anca do cavalo.²⁵

²³ QUEIROZ, Maria I. P. de., op. cit.

²⁴ CHARTIER, Roger., op. cit.

²⁵ SOUSA, apud ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de; FELIX, Francisco Kennedy Leite. O Vaqueiro e a vaquejada: do trabalho nas fazendas de gado ao esporte nas cidades. In: **Revista Geográfica de América Central**, Costa Rica, v.2, n.47E, p. 1-13, 2011. p. 2-3.

Após a captura do gado eram feitas as festas da apartação, de onde o vaqueiro tirava seu pagamento retirando para si uma parte da rês capturada. Conforme as fazendas foram ganhando delimitações, entretanto, ser vaqueiro deixou de ser profissão e passou a ser esporte, em meados dos anos 1980 a festa da apartação passou a ser a vaquejada e com isso saiu do sertão nordestino e se deslocou em direção às grandes cidades.

A vaquejada que estudamos nesta pesquisa é esta em que os vaqueiros disputam os prêmios da grande festa e a atenção das moças da plateia. A prática que antes era “[...]uma atividade de camponês que a exercia sem competir, carregada de lirismo. Agora é uma atividade em que os participantes são competidores”²⁶. Assim, a vaquejada moderna se configura por:

...ser executada pela derrubada do boi entre duas faixas, embora essa puxada pudesse ser de arrasto, ou seja, o vaqueiro começava a puxar o boi fora das faixas e o soltava no seu interior. Essa derrubada era realizada entre faixas que contêm 6 metros de largura. Esse tipo de vaquejada trazia alguns elementos da pega de boi, como a puxada do boi pelo rabo em qualquer lugar, as vestes de couro e a presença do vaqueiro de fazenda nas vaquejadas. A pontuação desse tipo de competição é contabilizada de acordo com quem fizer isso mais próximo possível da entrada do boi na pista de corrida. Por outro lado, o boi podia correr para frente e para trás. O que era válido era que o vaqueiro “puxasse o animal” para o chão.²⁷

A composição abaixo, que intitula este tópico, revela claramente como o vaqueiro, aquele que praticava a vaquejada, considerava essa prática como um esporte em que se buscavam as glórias na vitória:

²⁶ ALÊNCAR, Francisco Amaro Gomes de; FELIX, Francisco Kennedy Leite. *op.cit.* p. 2.

²⁷ AIRÊS, Francisco Janio Filgueira apud ALÊNCAR, Francisco Amaro Gomes de; FELIX, Francisco Kennedy Leite. *op.cit.* p. 8.

*Vou contar uma história, de um vaqueiro e suas glórias
Das caatingas do sertão
Era um homem afamado, nas derrubadas de gado
Com seu cavalo alazão²⁸.*

Na letra o vaqueiro era afamado por sempre vencer nas vaquejadas, a vitória na arena era considerada uma glória, através disso, ele conseguia ser respeitado. Neste trecho também se torna claro que a vaquejada não tem mais aquele propósito de buscar o gado para a apartação, o intuito agora é derrubar o boi puxando-o pelo o rabo estando montado em cima de um cavalo e vencer.

Em torno da vaquejada como esporte a prática ganhou diversos festivais a serem realizados em arenas como competição enquanto o público se divertia ao som do forró. Além disso, o público desfrutava de comidas típicas e brincadeiras no touro mecânico²⁹.

Os competidores nas arenas das vaquejadas, entretanto, ainda eram vistos como empregados, por se tratar de sertanejos, ainda enfrentavam pré-conceito por parte dos fazendeiros. Na letra da música “Namoro na Fazenda” é descrita uma relação entre um filho de fazendeiro e a filha de um vaqueiro:

*Quando eu fui morar lá na fazenda, meu pai queria que eu fosse fazendeiro,
Um dia lá na sombra da jurema, eu conheci a filha do vaqueiro.
Uma menina de cabelos compridos, sorriso lindo com os olhos de sereia,
Ela ficou no meu pensamento e foi aí que eu me apaixonei
Um dia lá na água do açude fui tomar banho e ela apareceu,
Sozinha numa noite de lua, e foi aí que tudo aconteceu,
Seu pai descobriu o nosso namoro e foi aquele tere - tetê³⁰.*

²⁸ ALENCAR, Bandeira de; COSTA, Cassiano. *Lenda de Vaqueiro*. In: *Cão Chupando Manga*. Fortaleza, SomZoom Stúdio. 1993. Cód. SZCD 009.

²⁹ S/I. “Trezentos vaqueiros disputam premiações em Quixelô”. In: *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 10 out. 1993, p. 12.

³⁰ MARIA, José; SANTOS, Rafael. *Namoro na Fazenda*. In: *Coisa Nossa*. Fortaleza: SomZoom Stúdio. 1993. Cód. SZCD 006.

A vaquejada estava presente no cotidiano do sertanejo, pois lembramos que a “vida cotidiana não está ‘fora’ da História, mas no ‘centro’ do acontecer histórico: é a verdadeira ‘essência’ da substancia social”³¹. Interpretamos que a transformação da vaquejada em prática esportista influenciou não só o cotidiano dos vaqueiros, mas também o cotidiano de outros sertanejos.

O vaqueiro é representado quase sempre em busca da mulher amada. Por esta mulher ele pode se inspirar a conquistar mais prêmios ou desistir de sua carreira de grande vaqueiro. Tornam-se então símbolo de masculinidade e do tipo idealizado pelas mulheres que acompanham esse tipo de evento. Na música “Meu Vaqueiro, Meu Peão” a mulher se declara pelo alvo de seus desejos:

*Já vem montado em seu alazão
Chapéu de couro, laço na mão
Seu belo charme me faz cantar
No rosto um grande lutador
Que trabalha com calor
Com toda dedicação
Ó, meu vaqueiro, meu peão
Conquistou meu coração
Na pista da paixão e valeu boi
Eu estou sempre onde ele está
Forró, vaquejada, qualquer lugar
Eu vou seguindo o meu peão
Seus braços fortes, sua cor
Vaqueiro eu quero teu calor
Em seus braços quero estar³²*

Esta música, gravada em 1993 pela Banda Mastruz Com Leite, virou um hino do forró eletrônico, sendo uma das mais executadas nas rádios locais até hoje. O começo descreve o vaqueiro por suas vestimentas e por sua profissão (“chapéu de couro”

³¹ HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 34.

³² CÁSSIA, Rita de. *Meu Vaqueiro, Meu Peão*. In: *Só Pra Xamegar*. Fortaleza: SomZoom Stúdio. 1993. Cód. SZCD 011.

“laço na mão” “rosto de um lutador” “montado em um alazão”) sendo exatamente isso, que faz a personagem se apaixonar por ele.

O vaqueiro tem por paixão, além da vaquejada, o forró e as festas em que ele é tocado, como as tradicionais festas juninas realizadas no sertão nordestino. A letra de *Vida de Vaqueiro* nos mostra sua rotina e suas paixões:

*Quando o claro do sol vem despontando,
por detrás das montanhas lá da serra,
Abro a porta e sinto o cheiro da terra,
do pileiro do quintal canta o galo,
Boto a cela no lombo do cavalo,
e depois de tomar meu café,
Com carinho, amor e muita fé,
vou tocando minha vida de gado.
Sou vaqueiro, e vivo apaixonado,
Por forró, vaquejada e mulher.
O que vejo de belo no sertão,
é o gado comendo na colina,
O sorriso na boca da menina,
e o segredo que tem seu coração,
Meu forró e as festas de São João,
Santo Antonio, São Pedro e São José³³.*

Nas festas de “Santos” os vaqueiros se divertiam ao som do forró, flertavam e dançavam. Assim, junto com o vaqueiro, os relacionamentos amorosos e a dança são as principais representações entre o povo migrante a capital pra qual se dirigiam.

3. Conclusão

Podemos perceber pela leitura das letras escolhidas que os migrantes ainda eram representados neste começo do forró eletrônico, independente das versões que

³³ MAIA, Ednir. *Vida de Vaqueiro*. In: **Coisa Nossa**. Fortaleza: SomZoomS túdio. 1993. Cód. SZCD 006.

discordam que o forró eletrônico seja considerado forró por não possuir a exata linha temática seguida por Luís Gonzaga ou Trio Nordestino, o forró eletrônico em seus primeiros anos ainda trazia temáticas rurais que nos ajudam a compreender um pouco mais sobre o cotidiano e as práticas exercidas por esses homens e mulheres.

As letras nos revelam que a saída no sertão era feita de forma extremamente dolorosa, a saudade era grande, a esperança de retorno maior ainda, mas as festas, os forrós (se assim o tomarmos como a festa em si e não como o ritmo) traziam a apaziguagem necessária. Os costumes desses migrantes, tais como a vaquejada, eram ainda descritos e a idealização do sertão se destacava como tema presente e atuante.